

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***AKIRA HOMMA***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – A história da poliomielite e de sua Erradicação no Brasil

Entrevistado - Akira Homma (A)

Entrevistadoras - Anna Beatriz de Sá Almeida (B) e Dilene Raimundo do Nascimento (D)

Data – 27/03/2002

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 52min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

HOMMA, Akira. *Akira Homma. Entrevista de história oral concedida ao projeto A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil*, 2002. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2022. 16p.

Data: 27/03/2002

### Fita 1 - Lado A\*

B – Projeto A História da Poliomielite e de sua Erradicação no Brasil. Entrevistado doutor Akira Homma, entrevistado por Anna Beatriz Almeida e Dilene Nascimento, dia 27 de março de 2002, fita um. (interrupção da gravação)

A -... A informação que... eu participei... eu acho... não me lembro... de nenhum outro estudo, antes daquele estudo, de um... feito pelo Instituto Adolpho Lutz feito em 1960, para a introdução da vacina Sabin no país.

B - Então nessa época o senhor já era técnico do laboratório?

A - Eu era técnico do laboratório lá do Instituto Adolpho Lutz, e participei colaborando, como técnico, na colheita do material e... .. no trabalho laboratorial, do primeiro estudo sorológico ... feito no país com a vacina Sabin, para a introdução dessa vacina no país, [inaudível], não é? Foi o doutor Moura, eu não sei o nome completo dele, José Moura, uma coisa assim, hoje ele é catedrático,... também não sei qual cadeira, lá da Faculdade de Medicina de Santo André, alguma coisa assim lá no ABC. E naquela época, o doutor Moura era chefe do departamento de Neurologia, e eu era, era um funcionário, do Instituto Adolpho Lutz e estava fazendo estágio na Central, em São Paulo, e aí me... estavam procurando voluntários para esse trabalho e eu participei, e foi realmente um trabalho fantástico e pela primeira vez tive a oportunidade de ter contato com o público e fazer um estudo desse tipo desse... inquérito sorológico no campo.

D - Porque esse estudo foi um, um, um estudo sorológico?

A - Foi um marco, foi um marco... no sentido de dar, confirmar resultados que já existiam no exterior, no México... sobretudo no México, porque Sabin fez muitos estudos de campo no México. E confirmando a soroconversão, níveis de soroconversão, que a vacina era excelente e que não tinha nenhuma reação adversa importante, não é? E a partir desses dados é que o Governo começou a introduzir a... as vacinas nos programas de imunização com o público. Um Plano Nacional de Imunização. Então me afastei dessa área de Poliomielite e só voltei a ter...

D - Esse estudo demorou quanto tempo?

---

#### \* Legenda:

- Itálico: palavras estrangeiras citadas textualmente; títulos de obras
- Sublinhado: palavras ou expressões citadas com ênfase;
- [ ]: palavra(s) acrescidas na conferência de fidelidade;
- [inaudível]: palavra ou trecho inaudível ou ininteligível
- ... : pausa ou murmúrio durante a entrevista;
- ... .. : pausa longa durante a entrevista.
- (risos), (tosse), (choro): registros diversos de sons coletivos (equipe e entrevistado).
- (INTERRUPÇÃO DA FITA): registrar os momentos de interrupção da gravação.

A - Ele deve ter demorado uns seis... seis meses, alguma coisa assim. Porque... não foi mais de seis meses, mas ele teve de esperar para... todo o laboratório, todo o estudo laboratorial, estudo estatístico, não sei o que, deve ter levado entre ... a concepção e a finalização do trabalho, foram muito mais. Mas a implementação, a operacionalização provavelmente deve ter levado, no máximo, uns seis meses. Porque foi uma operação da Secretaria de Saúde, como um todo, não foi só um grupo de, de pesquisadores comandando meia dúzia de pessoas, não.

D - Foi o Adolpho Lutz que fez isso tudo, a Secretaria de Saúde.

A - Foi o Adolpho Lutz, com a Secretaria de Saúde por trás, não é? Apoiando todo um trabalho... que o governo queria... saber, não é? Como seria esta vacina. E foi realmente, eu acho, que um marco na história da introdução da vacina. E eu vi, eu tinha até uns 15 anos atrás, o trabalho que ele publicou sobre isso. E eu acho que é possível ainda conseguir esse trabalho no Instituto Adolpho Lutz ou em alguma biblioteca lá. Deve conseguir e acho que seria interessante resgatar isso. Para... não é?

D – Com certeza!

A - Depois disso eu só voltei a ter... contato com o vírus da Poliomielite, em 1968, quando ingressei na Fundação Oswaldo Cruz como técnico em nível superior, na Escola na Saúde Pública, lá no departamento de Ciências Biológicas, chefe Luis Fernando Ferreira, e no Laboratório com Hermann Schatzmayr<sup>1</sup>, comandando o Laboratório de Virologia. Lá eu era... quer dizer, a minha especialidade era cultura de tecidos, e eu então,... e as culturas tiveram instrumento básico para o isolamento do vírus, e eu comecei a participar também, outra vez do isolamento do vírus da Pólio, caracterização do vírus da Pólio do campo.

D - E como o senhor chegou aqui na ENPS, sendo do Adolpho Lutz?

A - Aí já tem um interregno e eu já falei na ocasião anterior. Mas,... do Adolpho Lutz eu fui convidado para... trabalhar aqui na Organização Panamericana de Saúde, no Centro Panamericano de febre aftosa, aqui em Duque de Caxias, além de Duque de Caxias na verdade, está? E lá, trabalhar em cultura de tecidos, que eu tinha feito um estágio de virologia, em cultura de tecidos, lá no Adolpho Lutz e ele estavam recrutando técnicos aqui, e me chamaram para cá. Aqui eu vim, por um período que deveria ser de um ano, dois anos, mas acabei ficando, não é?

D – Foi ficando, ficando... (risos)

A - Ficando, ficando. Com o vírus, trabalhando em cultura de tecidos e vírus da febre aftosa. E por causa da febre aftosa, eu fiz curso de veterinária, em Niterói. Era um dos poucos cursos que eu podia fazer, porque trabalhava de dia e à noite fazia o curso.

D - Ah! Por isso a UFF, sendo de São Paulo.

---

<sup>1</sup> Dr. Hermann Schatzmayr também é depoente do Acervo de Depoimentos Orais Memória da Poliomielite.

B - Ele já estava no Rio. Que já estava aqui.

A - Está certo? Na Universidade Federal Fluminense. E em 1967, dezembro eu me formei e em janeiro de 1968 eu me transferei para a Escola de Saúde Pública, como... graduado já, não é? Deixei de ser técnico, para ser um profissional na Escola. Mas técnico em nível Superior. O Edmar Terra Blois, o diretor da época, não quis me colocar, assim na carreira de professor como... .. logo de início, ... auxiliar de ensino, mas eu fiz uma carreira abaixo de Auxiliar de Ensino, que era Técnico de Nível Superior. Eu aceitei porque achava que com isso ampliaria de qualquer forma, meu campo de profissional, e realmente foi absolutamente importante... essa, essa passagem pela Escola de Saúde Pública, que ampliou o meu campo de atuação na área de Saúde Pública, não é? Comecei com o vírus da Poliomielite, isolando o vírus da Poliomielite, pelo trabalho de cultura de tecidos, certo? Eu era realmente especializado em cultura de tecidos. No Centro Panamericano também, a minha área principal era a cultura de tecidos e trabalhava com sorologia na... na febre aftosa, porque a gente dispunha da cultura de tecidos, e na Escola de Saúde Pública a mesma coisa, não é? E aí... em termos de Pólio, a gente fez trabalho de... com, com Hermann Schatzmayr, lá mesmo, iniciamos, não só estudos, inquéritos sorológicos, tenho vários trabalhos publicados de inquéritos sorológicos, com estudo lá no Espírito Santo...

B - Pau Grande, não é? Também.

A - Espírito Santo junto com o Programa de Imunização mesmo, e em Pau Grande para avaliação da vacina,... porque era uma comunidade fechada e lá não tinha como monitorar, as pessoas não saíam muito, não é? Nós tínhamos, não perdíamos, não perdemos crianças na segunda coleta, terceira coleta, de forma... avaliamos as vacinas nesse sentido de por lá. E também, eu tive a oportunidade durante esse período...

D - Nessa época a vacina vinha de onde?

A - Pois é...

D - Era comprada pelo Governo?

A - Era comprada pelo Governo, de diversas fontes. Diversas fontes. E eu ia dizer que o Laboratório do Hermann [Schatzmayr], lá com o Hermann, o Hermann era solicitado a fazer titulação da potência da vacina, não é? Então nos tivemos contato com vários tipos da vacina, inclusive vacina em forma de drágea que vinha da Rússia, da Rússia, da Iugoslávia, do, ... e de outros produtores, a própria *Slavo* que ainda hoje fornece, *Mérieux*, enfim, fazíamos... começou... e eu... o controle da vacina começou com o Hermann lá naquele laboratório. Nesse período, eu também, de sessenta e... um momento só. De 1969 a 1971, eu estive em Houston, Texas fazendo... uma pós, ... eles chamavam de pós-doutorado, mas não era, porque eu considerava o meu título de veterinário como doutor, e aí eles me deram lá, eu trabalhei lá durante dois anos, com duas pessoas, absolutamente importantes para, como assim, para a Poliomielite, um, primeiro, meu professor direto, Craig Wallis... e outro chefe de departamento, Joseph Melnick os dois tem haver com o primeiro... o desenvolvimento do primeiro termoestabilizador da vacina contra a Poliomielite. ...

B - E o interesse do senhor nesse Pós Doutorado era em função da Pólio?

A - É. Em função da Pólio, da Epidemiologia geral, da Virologia, era em função disso. E evidente... e calhou mesmo de... deles aceitarem a minha... e foi pela Organização Panamericana de Saúde, uma bolsa da Organização Panamericana de Saúde, não é? Passei dois anos lá, dois anos magníficos para a minha carreira, eu diria, porque toda a abordagem científica, pesquisa, mesmo, bancadas, fazer... trabalhos científicos, eu tive esta oportunidade, e trabalhar juntos com pessoas desse quilate.

B - Uma coisa que quando estávamos olhando o currículo do senhor que me chamou atenção, que o departamento, justamente um departamento de Virologia e Epidemiologia.

A - E Epidemiologia. Exatamente.

B - Quer dizer, isso é uma coisa que não é muito. ....comum, não é?

A - Não é comum, você não vê. E mesmo que...

B - E qual era a linha? Como isso apareceu na prática?

- É. Eu tinha... na prática é que eu tinha lá epidemiologista mesmo. No departamento eu tinha. Laboratório de Virologia e Epidemiologista, certo? E publicou vários trabalhos, unindo trabalho de... virologia, e o que acontecia em epidemiologia, não é? Alertava, por exemplo, a baixa cobertura de vacinação, lá nos Estados Unidos, contra a Poliomielite, que poderia surgir surto, não sei o que... a gente trabalha com casos desse tipo. Outra, Epidemiologia ambiental, por exemplo, de vírus, de disseminação do vírus, hepatite, hepatites, não é? E sua implicação com... câncer, coisa assim. Eles começaram assim com análise do câncer de colo uterino, e herpes, hoje tem mais... se fala mais em Papiloma, não é? Mas na época, esse grupo era muito envolvido em Epidemiologia e Virologia, sabe? Eu acho que era uma forma interessante mesmo de...

D - Eram trabalhos conjuntos mesmo, não é?

A - Bom, e aí já em 1976, quando... já entrando em uma outra época, voltei em 1971...

B - Fale um pouquinho para gente, só para gente não se perder, esse trabalho desse grupo do doutor Hermann, que aí o senhor foi para essa bolsa enquanto o senhor estava nesse trabalho dentro do Laboratório da Pólio, e tal. Esse trabalho e a relação desse trabalho com as políticas nacionais, assim: era um momento em se estava discutindo a organização pensar em imunizações...

A - Mas as coisas não vão assim em formas linear, como você pode imaginar como acontece, entende? (risos) Em 1971 eu voltei, evidentemente com... ... seguindo uma linha que... eu lá nesse departamento... desenvolvi, que era uma concentração de vírus de águas, águas, não é? Águas de esgoto, do mar, águas não sei do que e etc. porque pensava que podia ser um indicador muito importante de disseminação de vírus. Da, de, da

situação epidêmica... da situação de distribuição do vírus na comunidade. Daí desenvolver a minha tese em doutorado nesse sentido. Aliás, coincidentemente, eu não sabia...

D - E isso se confirma? Isso se confirma? Pensando em água do mar, água de... as várias águas?

A - É. Eu não sabia, mas eu vim saber depois, depois que... como na minha segunda volta, que Oswaldo Cruz, a tese de Oswaldo Cruz foi também eh... disseminação de... a gentes infecciosos por água! Via água... via hídrica, e eu fiz por vírus, e ele fez por bactérias, então foi uma coisa interessantíssima, uma coincidência que me deixou realmente a pensar. Na verdade, foram preconizadas e utilizadas durante algum tempo como indicador, por exemplo, para erradicação do vírus da Poliomielite. Procurava se detectar, se isolar vírus de coleção de águas para ver se o vírus selvagem ainda estava disseminando na comunidade, coisa assim. Durante um tempo foi utilizado, mas hoje se utiliza muito mais a paralisia flácida como indicador para verificar. Mas eu acho que teve uma contribuição importante no período. E aí eu saí da Fundação Oswaldo Cruz, em 1974... para a *Bayer*. Ninguém é de ferro, me ofereceram, cinco, seis vezes o que eu ganhava aqui para chefiar um setor de produção da vacina contra a febre aftosa, e me levaram para *Bayer*. Fiquei até 1976, quando eles engavetaram o projeto e foi a época que Vinícius Fonseca estava aqui, e tava procurando alguém para reorganizar Bio-Manguinhos. Reorganizar não. Organizar, organizar toda a área de desenvolvimento e produção de Biológicos, como uma entidade diferenciada. Porque até aí então essa atividade era feita por... era feita como uma atividade... menor, eu diria, do Instituto Oswaldo Cruz.

**A** – Que dizer, estava dentro do Instituto Oswaldo Cruz, toda essa área de produção de Imunológicos?

A – Teve, antes da criação de Bio-Manguinhos, teve uma pequena passagem por IPROMED<sup>2</sup>, Insumos Produção de Medicamentos, acho, e lá fazia, os dois...

D – Ia o que para onde? IPROMED?

A – IPROMED. É. Porque... teve... Foi uma fase curta, antes da vinda, inclusive acho que do Vinícius [da Fonseca], ... doenças endêmicas, o programa de doenças endêmicas do Ministério da Saúde tinha um programa de produção e medicamentos, alguns medicamentos. Isso foi incorporado aqui na Fundação Oswaldo Cruz, está certo? E na época, eles pensaram em unir tudo que é produção, em um Instituto chamado IPROMED, Instituto de Produção de Medicamentos. E aí está.

D - Seria vacina e medicamentos?

A - Mas foi uma fase muito curta, eu acho que tem registro disso aí também. Quando chegou o Vinícius, ele viu que a natureza das atividades de um processamento Biológico, era diferente de medicamentos. E realmente é diferente, ... tem uma lógica diferente de produção, os equipamentos são diferentes, o pessoal é diferente. Enfim, então, ele... e no mundo global assim, você vê que toda a parte de produção de medicamentos tem uma estrutura, ... uma estrutura e... medicamento tem uma outra

---

<sup>2</sup> Instituto de Produção de Medicamentos

estrutura. Mesmo que tenha uma indústria que tenham as duas coisas, mas estão separadas, não é? E aqui também separou, e foi construída Bio-Manguinhos...

B - E como foi esse processo do convite para o senhor assumir?

A - Foi aí que Vinícius da Fonseca estava procurando uma pessoa que tivesse uma experiência em produção biológica, alguma coisa assim, e o Hermann se lembrou que eu estava na Alemanha, na *Bayer*, fazendo, produzindo vacina contra a febre aftosa na *Bayer*. E o Hermann... indicou o meu nome, falou, olha tem o Akira, está perdido aí no mundo. E aí foi o Guillard Martins, me entrevistar em Colônia, dizendo: “Ó... “ Ele me propôs a voltar para organizar essa área. Pensei e voltei. Agosto, setembro, outubro, por aí, voltei. Mas o Vinícius, não me deu emprego assim. Ele me fez pedir demissão da *Bayer*, eu pedi demissão da *Bayer*.

D - E quando chegou aqui não teve contrato?

A - É eu falei, me deu contrato precário, está? Precário. Três meses depois, só três meses depois, em janeiro de 1977, alguma coisa, que ele me deu carteira. (risos) Eu fiquei pensando, sou maluco mesmo, mas eu fiz isso. E perdendo...

D – Que estresse? (risos)

A – Perdendo, perdendo dinheiro. Eu vim aqui perdendo dinheiro também. Naquela época, ganhava três vezes mais, quatro vezes mais para ganhar... ainda que o Vinícius tivesse tentado melhorar...

D - Tentado equiparar.

A - Melhorar. O salário aqui na Fundação estava melhor de que quando eu tinha saído. Mas mesmo assim, era três quatro vezes menos do que eu ganhava lá. Mas assim mesmo eu voltei, é o meu país, enfim, não é? Essa casa, esse castelo tem uma mágica que você não sabe o que é. A gente fica... não é? E começamos Bio-Manguinhos, a organizar Bio-Manguinhos. Evidentemente tinham muito poucos produtos, produto... não é... eu disse evidentemente, não é bem evidentemente. Na época tinha só Febre Amarela, mas produzindo em pequena quantidade, enfim. E nós começamos a pensar em novos produtos. Produtos que o Brasil precisa...

D - Só tinha Febre Amarela?

A - É, Bio-Manguinhos... não. A Instituição, a FIOCRUZ tinha outros produtos, inclusive, produzia a vacina DTP, por exemplo. Mas em quantidades tão pequenas que não... não... acho que não merecia a conotação de produção. Era um laboratório, mas enfim, não é? E o processo de produção era artesanal, muito artesanal, tinha vacina contra a Cólera, tecnologia obsoleta; vacina contra a Febre Tifóide, tecnologia obsoleta. Tinha que continuamos um pouco, mas... até que a própria Organização Mundial de Saúde,... pelos dado que nós tínhamos, dizer, recomendação deles continuarem isso. E naquela época inclusive, era uma coisa assim, que dava uma enchente, a primeira coisa que eles procuravam era a vacina contra a Febre Tifóide, por exemplo, está certo? E que a proteção era muito baixa, reação



bastante alta, enfim e que realmente não protegia. E isso, acabamos descontinuando, não é? Então DTP que nessa produção artesanal, como Cólera, Febre Tifóide. Mas o que queria trazer era dos novos projetos que a gente imaginou que deveria ser importante. E aí partimos então para buscar a produção da vacina contra a Poliomielite. E aconteceu com... depois de uma negociação com o governo japonês, no início de 1980. Começou em 1978, os primeiros contatos que fizemos com... eu tinha um amigo, japonês, médico, que tinha... nós compartilhamos um apartamento em Houston, Texas, (incompreensível)

B - Na época do Pós-Doutorado...

A - Como as coisas se dão, está certo? E eu escrevi para ele dizendo do interesse do governo brasileiro, de estabelecer aqui produção de vacinas para programas de nacionais de imunização como Poliomielite, Sarampo etc. enfim, não é? E ele me encaminhou para a Universidade de Osaka, encaminhou a minha carta para um amigo dele que era o Diretor do Instituto de Pesquisa de Doenças Infecciosas da Universidade de Osaka, doutor Konussuko Fukai<sup>3</sup>, então ele mandou um emissário em 1978, 1978 para cá, chamado Akira Igarash<sup>4</sup>, que era um perito em água viroses e desenvolveu cultura em células e insetos. E essa pessoa veio, conversamos, e ele deu uma resposta boa, dizendo do interesse mesmo seria importante fazer uma atividade desse tipo. E esse doutor Fukai, encaminhou então uma solicitação para a agência japonesa de cooperação, a JICA, *Japan Internacional Corporation Agency*. E eles vieram, três vezes, quatro vezes, até que em 1980 firmamos acordo com o governo japonês para transferir a tecnologia de produção da vacina contra a Poliomielite no país.

B - Doutor Akira, só para não perder...

D - Quer dizer foram alguns anos de negociação isso?

B - Foi 1978 a 80.

A - Mas é porque... é carta que você... troca etc. e eu estava buscando outras fontes também, na verdade, não é? Mas nenhuma outra fonte nos deu resposta adequada.

B - Pois é, dessas outras fontes que eu queria de falar um pouco, a gente teve uma referencia de algumas tentativas de montar uma empresa franco-brasileira, juntar a *Mérieux* e a gente na época do Vinícius, mas aí seria com a vacina Salk. Isso em 1976, não é? Depois teve uma negociação que incluía o Instituto Pasteur. Essas outras negociações, o senhor podia contar um pouquinho para gente, por que elas não foram a frente?

A - Eu não me lembro muito dessas coisas, porque quem fazia... tomava a frente inclusive, nessas negociações, era o doutor Vinícius Fonseca. Ele...

B - Ele tomava a frente?

---

<sup>3</sup> Não conseguimos confirmar a grafia.

<sup>4</sup> Não conseguimos confirmar a grafia.

A - É. Doutor Vinícius Fonseca. (risos) Na verdade, ele que tomava a frente dessas questões, porque ele achava realmente que era importante era fazer uma espécie até de *joint venture* com grandes laboratórios, para gente poder dar o salto, não é? Que a gente estava precisando. Nós praticamente estávamos um zero a esquerda, mesmo febre amarela, uma produção pequena, e ele que tomou frente. E tinha, realmente, uma grande... aproximação com o Instituto Pasteur, ele visitou várias vezes o Instituto Pasteur, e propôs ter várias reuniões do grupo *Mérieux*, do Instituto *Mérieux*, para a criação dessa, desse consórcio franco-brasileiro. Chegou... chegamos... eu participei de algumas reuniões... com... para discussão desse... Mas eu não sei. A verdade é que acho que naquela época o mercado de vacinas era muito pequeno ainda e não confiável. Assim no sentido, o Programa de Imunização não era um programa... que conseguia ser coberturas elevadas, a demanda de vacinas era pequena, enfim o mercado era pequeno. Mesmo o mercado público era muito pequeno, era muito tímido, as ações nessa área era realmente muito tímidas, não organizadas, não sistemáticas, não confiáveis na verdade. Uma indústria como o Instituto *Mérieux* que tem, evidentemente, que considerar a garantia do retorno do investimento da... enfim, eles tinham muita dúvida de fazer isso. Mesmo a área economicamente ativa na época, da área imunológica da área veterinária, eles tinham ainda dúvidas. Eu sei que só na década de 1980, que se consolidou o mercado brasileiro duas grandes multinacionais resolveram investir no mercado brasileiro de, da área veterinária em produção de vacinas veterinária, mas o humano sempre foram relegados a segundo plano! Não tinha... o mercado brasileiro de imunobiológica para humana é um negócio muito pífeio, vamos dizer assim, não é? Enquanto você tinha nos Estados Unidos, na Europa, um mercado privado altamente rentável, ... altamente rentável. Super rentável. Então para que você vir para... não é? E eu acho que daquela época, começou a surgir aquela idéia, você tem uma produção central grande e exporta bastante.

B - Certo. Então vamos voltar pro Japão.

A - Então nessa época então, nos estabelecemos um acordo com a corporação técnica do Japão, e fizemos... definimos que a Poliomielite seria umas das vacinas, Sarampo seria uma outra vacina. Aí junto com o Japão, pelo lado japonês, veio o lado técnico o *Japan Poliomielites Research Institute*, todo um grupo de lá, apoiar toda essa atividade de produção dessa vacina aqui. É um grupo formado por vários... no Japão tinham vários produtores de Pólio, mas chegar a uma conclusão que o custo era tão grande que era melhor reunir em uma só, em um instituto só, e aí criaram *Japan Poliomielites Research Institute*, não é? E se tornou o único laboratório produtor da vacina contra a Poliomielite para o Japão. Foi a vacina oral mesmo. Aí então começaram a recrutar pessoal, mandar pessoal para treinamento etc. vindo técnico aqui, começando a organizar o programa de Poliomielite. Neste processo, nós tínhamos identificado fornecedores de macaco, que seria, a matéria-prima seria rim de macaco, não é? Aqui da América Central, algumas ilhas da América Central, tem criação de macaco *Cercopithecus aethiops* e começamos a fazer esse contato com eles e com os fornecedores da África, fornecedores de macacos da África. Mas eram, as negociações eram tão difíceis e tão demoradas, porque havia, vamos dizer assim, até um monopólio fornecimento de macacos para grandes fabricantes. E começaram nessa época também surgirem dificuldades para importação de macacos.

D - De animais?

A - De animais. Grande dificuldades...

## Fita 1 - Lado B

A - Nessa época então, fizeram várias reuniões técnicas revendo o nossa, nosso objetivo, inclusive de realizar todo... fazer todas as etapas de reposição, não é? E chegamos a conclusão que o custo benefício... o risco era muito grande. Risco muito grande, não é? E o custo benefício duvidoso, economicamente falando. Porque, na época, já tínhamos... identificado um fornecedor confiável de *bulk* de concentrado viral a um preço muito interessante, que não compensava não fazer investimento de grande capital, grande capital para importação do *bulk* com um grande risco de chegarmos no final ter grandes prejuízos, não é? E a complexidade de importar macaco, a complexidade de manutenção dos animais, a complexidade de controle de qualidade, enfim, e a complexidade... e o problema de doenças... nessa época começou, começaram a surgir doenças... informações sobre doenças específicas do macacos que transmite no homem, vírus muito letais como o vírus Marburg nos fizeram refletir um pouco mais, e resolvemos que... e... considerar a importação concentrada viral, porque essa concentrado viral estava disponível de um laboratório de grande... de alta confiabilidade que era a Smith-Kline.

B - Quer dizer, mas no primeiro momento chegou a ser pensado que a produção desde o seu início, tendo a produção do macacos e trabalhando, sem ser importando o *bulk*.

A - Exatamente, exatamente. Inclusive nos preparamos para isso. No processo de fabricação dessa vacina, uma etapa fundamental é o teste neurovirulência, por exemplo, não é? Que é feito em *Macaca mulatta*, ou macaco *rhesus*, e nós treinamos uma pessoa para isso, e hoje essa pessoa, Renato Marchevsky, é o especialista em neurovirulência, aqui do país, não tem nenhuma outra pessoa com *expertise* que tem o Renato Marchevsky nessa área. Naquele período, nós pensamos inclusive substituir macaco do Velho Mundo, o *rhesus*, ... por macacos nativos aqui, não é? E fizemos vários experimentos usando *Cebus apella* para teste de neurovirulência, mas esse macaco nosso, *Cebus apella* se mostrou menos sensível a esse macaco do Velho Mundo. Então tínhamos mesmo que importar macaco do Velho Mundo. Inclusive para fazer teste de neurovirulência, e importamos *Cynomolgus*. *Cynomolgus* que até hoje está na colônia aí, esta sendo utilizados para outros pólos aí. Então deu um desenvolvimento interessante, mas o desenvolvimento mais importante... do, dois, dois desenvolvimentos importantes, acho que pode se dizer foram... é. Ou três. Primeiro, foi a... ... o treinamento do nosso pessoal em controle de qualidade da vacina. ... Era o Departamento de Virologia, chefiado por Hermann Schatzmayr, que emitia os laudos, mas era o nosso pessoal treinado no Japão que fazia os testes, está? A Malu, Maria da Luz<sup>5</sup>, era a pessoa que fazia o controle de qualidade para, usando toda a tecnologia japonesa etc, está? E fortalecemos, demos uma... uma qualidade altíssimas para o controle de qualidade da vacina contra a Poliomielite nesse, nesse período. E quando o INCQS foi criado toda a tecnologia foi passada para o INCQS. Segundo grande destaque queria colocar da nossa participação na Poliomielite, foi que apesar da vacinação maciça que foi estabelecida no início de 1980, não

---

<sup>5</sup> A Dra. Maria da Luz Fernandes Leal também é depoente do Acervo de Depoimentos Orais Memória da Poliomielite.

é? Com [João Baptista] Risi<sup>6</sup>, Mozart [de Abreu e Lima]<sup>7</sup>, aquele da administração, Waldir Arcoverde<sup>8</sup>, durante três, quatro anos consecutivos, não sei, três anos consecutivos, ainda assim apareciam vírus, apareciam casos de Poliomielite, e determinado por vírus tipo três. Eu, na época, como eu tinha acesso ao controle de qualidade, era feito em nosso laboratório, eu alertava ao pessoal da campanha, dizia, eu me lembro de ter falado para o Risi: “Olha, vamos prestar atenção no tipo três, porque o tipo três, sempre vem no limite da sua potência”. Nós falamos: o tipo um tem que ter um milhão de partículas, por dose. O tipo dois tem que ter 100 mil. Tipo três 300 mil partículas, por dose, por cada dose. Era a formulação que tinha sido desenvolvida,... não sei exatamente por quem, lá, Sabin com os mexicanos, enfim, afinal era a formulação adotada pelo Centro Mundial de Saúde, Organização Mundial de Saúde e mais... eu conversando, tipo um deve estar assim, tipo um milhão, tipo dois era o vírus que era alto, o mais imunogênico de todos, sempre aparecia bem, ... agora, o tipo três sempre marginal, 300 mil, 280 mil, 290 mil, marginal. E apareceram vários casos de Poliomielite em áreas altamente imunizadas, no Nordeste... e por tipo três, selvagem.

B - Quer dizer não tinha sido uma questão de baixa cobertura.

A - Não, não tinha sido uma questão de baixa cobertura, mas baixa... resposta do componente tipo três. E aí nós formulamos uma nova... por solicitação do Ministério da Saúde mesmo, formulamos uma nova vacina para o tipo três, potenciada, não é? Com 600 mil doses (ininteligível). Então... e essa vacina provada no campo, mostrou que era... respondia melhor... e isso foi adotada no país todo, como uma vacina para o país. Para o Brasil. E...

D - Isso o senhor observou em outros lugares fora do Nordeste? Em outras regiões do Brasil? Não?

A - Aqui no Brasil, não.

D - Só no Nordeste.

A - Foi lá no... um pequeno surto que teve que se detectou isso. Possivelmente, deveria ocorrer em outros países, mas não, não, não se estudava, não havia vigilância epidemiológica para estudar, não é? Então, o fato é que aqui no Brasil, o programa de vacinação veio também como vigilância. Bem ou mal o sistema de vigilância epidemiológica foi sendo organizado nesse sentido, e aí foi verificado. E

... o [João Baptista] Risi [Júnior], Secretaria Nacional de Ações Básicas de Saúde na época, chefiada por Risi, eles fizeram... organizaram... todo um estudo, convocaram o CDC, também para ajudar e fizeram, analisaram epidemiologicamente a situação. Depois, formulamos essa nova vacina, foi colocado e se verificou que a resposta adequada, não é? Porque quando se estudava, quando... nós tínhamos detectado mesmo. Antes no nosso estudo, sempre a do tipo três era a menor... imunicidade. Apresentava sempre menor soroconversão. Sempre. Pode ver em estudos epidemiológicos da época estava como menor

---

<sup>6</sup> Dr. João Baptista Risi Júnior também é depoente do Acervo de Depoimentos Orais Memória da Poliomielite.

<sup>7</sup> Dr. Mozart de Abreu e Lima também é depoente do Acervo de Depoimentos Orais Memória da Poliomielite.

<sup>8</sup> Ministro da Saúde Waldir Arcoverde (1979-1985).

soroconversão. Mas só quando formulamos e fizemos a vacina potenciada que essa soroconversão aumentou, melhorou e essa formulação foi adotada pelo Programa Nacional do Brasil e poucos anos depois pela Organização Panamericana de Saúde para toda a região e... Organização Mundial de Saúde, mais recentemente, adota para toda... para todos os países de clima tropical. Eu vim a conhecer, quando eu estava na Organização Panamericana de Saúde, que a *Lederle* fabrica para os Estados Unidos, não é? Ainda que... aqui nós falamos no mínimo de um milhão, 100 mil e agora 600 mil. Eles lá nos Estados Unidos, eles tinham colocado três milhões, quatro milhões, tipo um, 200 mil, tipo dois, quase 500 mil para o tipo três, 600 mil para o tipo três. Entende? Para eles, era o mínimo! Um milhão, um milhão, 100, 300 ou 500.

B - 600 mil.

A – Mínimo. E sempre está muito acima disso. No nosso caso, as obras que eles mandavam aqui, aquela titulação que segundo era com um mínimo. Entende o que eu estou querendo dizer?... O que eu... realmente... fiquei... perplexo com essa abordagem econômica que o laboratório.

D - Porque aí o custo da vacina é menor.

A - Evidente! Evidente, a dose americana daria para três, quatro doses, não é? Não é verdade? Em três, quatro doses nossas, aqui. (risos) Mas enfim, com essa nova formulação, foi possível reverter a situação.

B – E para esse estudo dessa nova formulação...

A - E hoje, o terceiro ponto. O terceiro ponto que eu digo que é importante, hoje a nossa atividade continua, fazendo vacina, tem quase 20 anos fazendo isso, e serve como estoque tampão para o Ministério da Saúde. O Ministério compra uma quantidade importante pelo Fundo Rotatório de Organização Mundial de Saúde, mas quer que a gente continue importando *bulk* porque com isso direciona e proporciona uma administração da vacina no país, não é? Administração do estoque da vacina no país.

D - No caso o Ministério compra a vacina pronta, pronta, pronta para ser aplicada e vocês mantém uma produção mínima.

A - Inclusive também porque... veja: com o fortalecimento das atividades de vacinação no mundo inteiro, na última década... veja... os governos, chegaram... estão mais conscientes que a vacinação é um instrumento importante para prevenção das doenças, e é de uma atividade de custo-benefício, absurdamente... melhor que qualquer outra atividade... de Saúde Pública. Eu não digo que seja qualquer outra atividade, é uma das atividades importantes, não é? Porque eu acho... o controle de vetores... seria uma outra atividade de custo- benefício muito importante... a água potável é uma outra.

D - Saneamento.

A - Saneamento básico, não é? Enfim, mas vacina e vacinação... passaram a ser visto de um modo bastante assim, diferenciado, certo? Daí então nessa década houve a criação da

*Children's Vaccine... Chindren's Vaccine Initiative*, não é? E agora transformado em *Gavi, Global Alliance for Vaccines and Immunization*, e tem dinheiro, custos fantásticos nesses recursos para compra de vacinas para países pobres, que não podem comprar vacinas. E... houve com isso, uma demanda grande por vacinas. E tem uma deficiência, vamos dizer assim, de ofertas de vacinas. Mesmo essa vacina Pólio no mercado internacional, está certo, então? O Ministério da Saúde não... .. assim, tem,... tem que estudar a quantidade que precisa ter de vacina pronta no mercado, no Fundo Rotatório, está? O Brasil... importa....

D – É porque o consumo aqui é muito alto, não é?

A – ...50, 60 milhões dose por causa disso, nessa área de vacinação. E..... você obter vacina via concentrada é mais fácil. Por isso essa atividade é hoje importantíssima. Em um momento, a gente pensou em. há dois, três anos atrás, três anos atrás, quatro anos atrás, pensamos até de descontinuar, porque tinha grande quantidade de vacina no mercado internacional, abaixo do preço, baixíssimo preço. Vacinas que não têm mais tecnologia, (ininteligível) têm, mas já não é, não é... considerada nova vacina, não é? Então com o preço baixíssimo. E pensando em descontinuar. Mas face essa situação no mercado internacional, o próprio Ministério tem nos solicitado que continuássemos com essa atividade, não é? Ainda que em termos econômicos, é muito baixo, vamos dizer assim, o que retorna aqui a Bio-Manguinhos, com riscos altíssimos. Mas continuando porque é uma atividade estratégica. Consideramos uma atividade estratégica.

B - Estratégica no sentido também de aumentar a produção via *bulk* importado para diminuir cada vez mais a importação? Ou tem uma... tem um equilíbrio?

A - Nós buscamos um equilíbrio, aí, certo?... temos buscado. Porque é mais assim, o que eles podem oferecer, eles compram lá fora. O que conseguem pelo Fundo Rotatório, certo? O que falta, nós complementamos. E é uma quantidade, uma quantidade importante: 30 milhões de dólares.

D - Que fica faltando?

A – É! Que fica faltando! 40 milhões dólares. É uma quantidade absolutamente importante, está certo? De três aspectos que eu queria colocar como importante nessa atividade própria. Então é essas coisas que eu queria passar para vocês.

D - Agora, deixa, deixa eu perguntar uma coisa. ... assim... nos parece que a decisão de Dias Nacional de Vacinação, ele foi tomada em pouco tempo. Existia o Programa de Controle da Pólio, depois se criou o PNI, que fazia a vacinação da Pólio na rotina...

A – Em 1973...

D – É. Em 1973. A vacinação da Pólio em rotina. E em 1980, no final de 1979 para 1980, ou início de 1980 se decidiu o dia nacional de vacinação e em 1980 mesmo que começou. A pergunta é a seguinte: foi de Bio-Manguinhos que... que supriu a demanda de vacina? Não?

B - Não, porque só começou a produção em 1985, não é?

A - É.

D - Em nenhum momento, Bio-Manguinhos supriu a demanda toda?

A - Naquela época, não.

D - Sempre foi complementar?

A – É. Sempre. Sempre. Não, não fizemos isso, não... Não. Sempre foi complementar. Porque a quantidade é tão grande que não tem... não tínhamos condições mesmo físicas de fazer isso.

B – E o tempo também, entre o início... 1980 começa os convênios, começa a cooperação. A referência é que o primeiro lote é de 1985. Porque é um tempo... de você estabilizar, criar o ritmo da produção, não é? Todos esses estudos de neuroprudência.

A – A Bio-Manguinhos, nós participamos nessa fase aí, com toda... *expertise* na, em controle de qualidade. Ajudamos o Ministério da Saúde nessa, nessa questão, está? Ajudamos... eu quero dizer para você, que eu acho que foi um dos... o primeiro... um dos primeiros Dias Nacionais de Vacinação da Pólio, entendeu? Tinha, ... uma série de dificuldades que foi encontrada no undo, a quantidade de vacinas necessárias para campanha. Não tinha vacina. Então era vacina da Rússia, vacina de tudo que é lado, não é? E em uma dessas... nós estávamos no meio, como estou dizendo, ajudando em analisar a qualidade, analisar especificidade, analisar, não é? Ainda que fosse um laboratório de cultura, nós éramos chamados para isso, e cooperamos diretamente nessas atividades. E... e... eu não me lembro se foi a primeira campanha, está? Mas o fato é que em uma dessas idas a Brasília, e quem fazia a importação era ainda a CEME, Central de Medicamento, e eu me lembro que o presidente Leonildo Vinter. Ele absolutamente feliz, feliz nos, quando nós adentramos no escritório dele, ele abriu os braços: “Veja, veja, nós solucionamos a questão de importação. Temos vacinas para a campanha, e vamos importar da *Torlac*<sup>9</sup>, da Iugoslávia, não sei quantos milhões de dólares da Iugoslávia...” Eu então... não me lembro com quem eu estava. Olhei a vacina que estava em cima da mesa dele, tinha a vacina como troféu, não é? Uma dúzia de frascos em cima da mesa, eu peguei, assim, olhei. “Ó! Essa vacina não podemos usar. Estão contaminadas.” Tinha frascos amarelos, outros rosa, sei que lá... Os frascos amarelos estavam contaminados, não é? Metabolismo bacteriano, e descobrimos depois que era fungos, e que o nosso Vougue Banck<sup>10</sup>, aqui que fez o controle ... e mostrou que era um *penicillium* não sei das quantas, mas essa vacina não foi usada e causou um... problema porque teve de ser... retardado ainda em alguns dias, umas semanas, coisa assim, a campanha porque realmente a vacina não era possível de ser usada. Em função disso, foi organizado também um grupo, que eu participei desse grupo, de inspeção ao Laboratório *Torlac* para verificar as condições que eles tinham para gente poder aceitar ou não. E era um laboratório reconhecido pela Organização Mundial de Saúde. E nós verificamos que as condições que eles tinham, era para fornecer, vamos dizer um milhão de doses de vacinas por mês, e eles tinham produzido 20 milhões de doses por mês, quer dizer 20 vezes mais, em uma instalação que tinha capacidade de fornecer um milhão, certo? E isso propiciou essa contaminação que emitiu um

---

<sup>9</sup> Não conseguimos confirmar a grafia.

<sup>10</sup> Não conseguimos confirmar a grafia.

relatório e esse relatório chegou, foi para Organização Mundial de Saúde que em função disso, inclusive...

(interrupção da gravação)

A – Esse relatório foi, sofreu penalidades e tiveram que modernizar com, com instalação, que foi (ininteligível). Eu, eu sei que ainda falta muitas coisas, mas em função...

D – Do tempo...

A – É. É. Inclusive do eu posso me lembrar de atividade mais relevantes, eu acho que um pouco essas que eu passei para vocês.

B – Mas será que a gente tem chance de... de voltar e...

A – É. Vocês se organizem...

FIM DA GRAVAÇÃO

ESTA FITA NÃO FOI INTEGRALMENTE GRAVADA.